

ESPÓLIO PINTO QUARTIN

N.º 1155

B. 125

736

I.º de Maio de 1897



A FESTA DO TRABALHO



Publicação de propaganda socialista

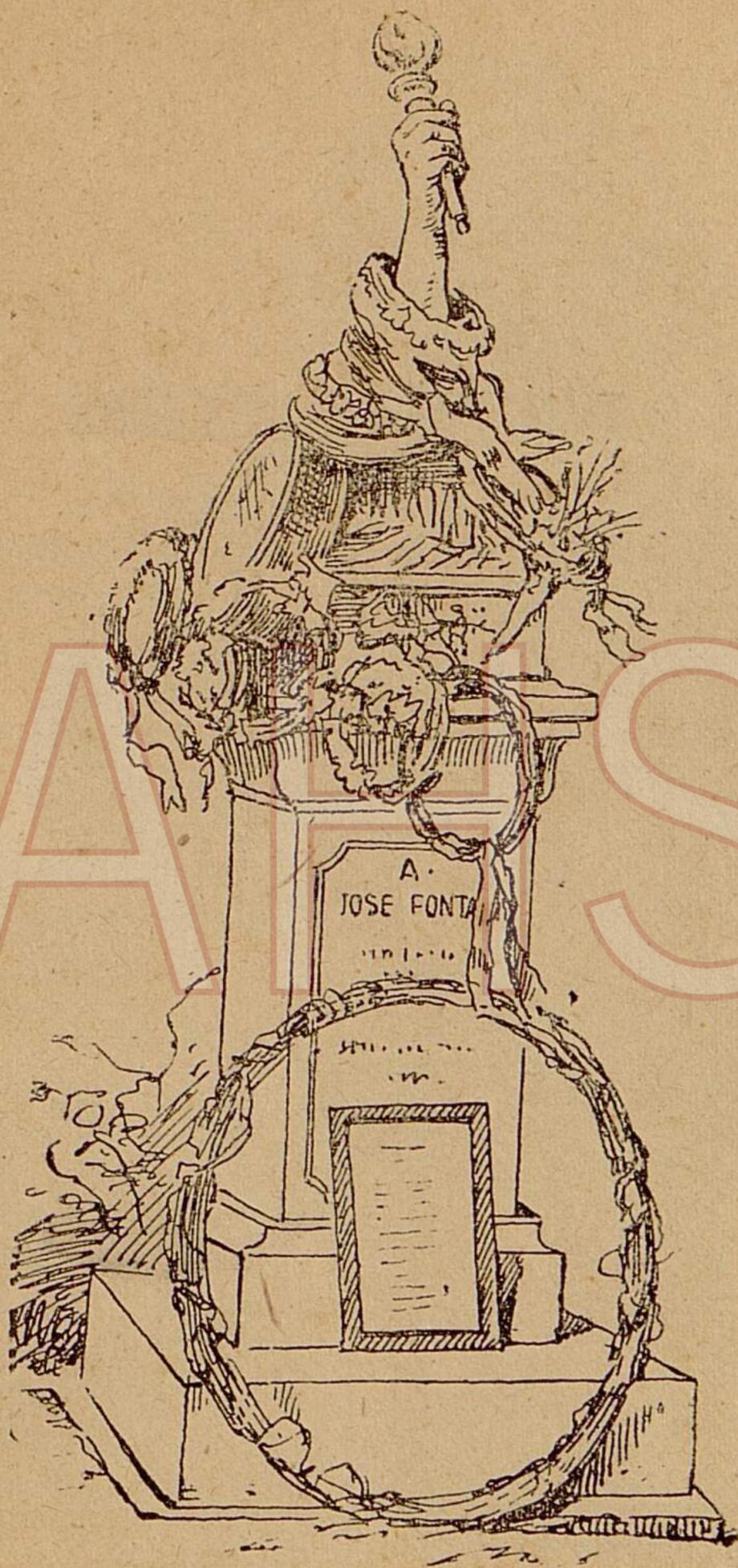
Preço 50 réis

A' venda em todas as livrarias, kiosques e tabacarias

Typ. C. de Santo André, 79

S.

B. 125



O TUMULO DE FONTANA

Francisco Chaves

O TUMULO DE FONTANA

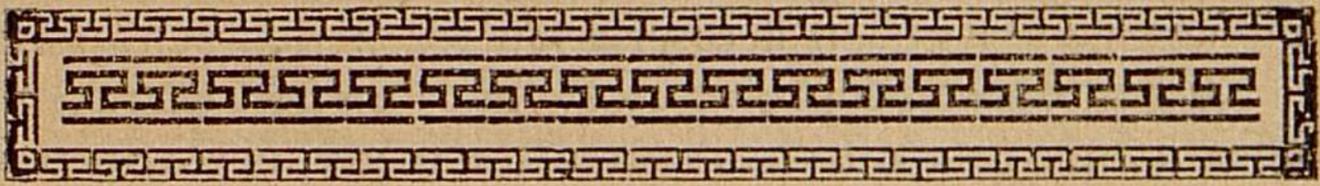
E' um monumento singelo, mas expressivo bastante. Foi mandado levantar pela "Associação dos Trabalhadores," por meio de subscrição publica, no cemiterio dos Prazeres.

A trasladação para o jazigo dos restos mortaes de Fontana, realisou-se no dia 30 de março de 1884, assistindo para cima de 20:000 pessoas.

Ainda hoje a Associação dos Trabalhadores conserva as corôas riquissimas, depostas então por algumas associações operarias e de soccorro-mutuo.



KARL MARX



O 1.º DE MAIO

A O principio da manifestação, ahi por 1890, a classe dirigente, devéras sobresaltada, julgava por toda a parte que os socialistas tinham aprazado um dia, *para a revolução*, — como se essa coisa das revoluções se decretasse para hora fixa! — e o 1.º de maio era para os ricos um pretexto de pavores, com as tropas fechadas nos quartéis e o susto a pavornear-se pelos palacios.

Afinal, provou-se que o 1.º de maio não era tal o *dia de juizo*, para a sociedade presente.

Pouco a pouco, a manifestação foi adquirindo um cunho accentuadamente legalista — fôra para a reclamação legal de uma legislação protectora do trabalho e do dia normal de oito horas que o congresso de Paris votára a *feira operaria*, — e o 1.º de maio vem hoje decorrendo por toda a parte serenamente, como um simples dia de folga, — o capricho de uns desditosos que trabalhando toda a vida para os outros, resolvem no entanto passear um dia por sua conta, para se affirmarem sobre se não será illusão, realmente, que a liberdade lhes assista, — ao menos uma vez por anno!

Afinal, pouca coisa, como vêem...

Os antigos escravos tinham as saturnaes, dias em que também lhes cabia uma certa liberdade, para esquecerem um pouco a opressão feroz dos senhores.

Os modernos proletarios, não menos escravos, nem menos oprimidos, — á parte o verniz da hypocrisia que doira as cadeias da servidão, — escolhem também *o seu dia*, passeiando, lá fóra, as suas *bleuses* pelas avenidas e pelos *boulevards* onde os ricos usam estadeiar os ocios, fazendo isto senão como uma aggressão, ao menos como um aviso.

Em Portugal o movimento tem um tom funebre, que francamente nos preocupa.

Nós, realmente, somos um povo triste, que parecemos attrahidos para a sequeidão do cemiterio. Onde os outros imprimem uma nota buliçosa, tratamos nós logo de accentuar uma côr triste, mazomba, desoladora, como se ainda por toda a parte nos andassem espreitando as acções e apavorando a consciencia os familiares negros do Santo Officio, a que Quinet attribuia todo o actual character melancholico da nossa boa raça peninsular.

Em Lisboa, no Porto, no Barreiro, — por toda a parte, emfim, — os operarios vão n'este instante caminho do cemiterio, talvez a vêr se encontram nos mortos a coragem altiva que aos vivos falta, e que tão precisa se torna diante da crise nacional que ameaça atirar tudo isto para uma enorme vala, alguma coisa assim como uma sepultura immensa, cavada na argila do opprobrio e da ruina de toda uma nacionalidade.

Onde não ha o tumulo de Fontana aproveitam-se outras loisas mais humildes, e o certo é que a manifestação toma um aspecto enfadonho, sendo como outras tantas manifestações que todos os domingos

se encontram por essas ruas, — á memoria de muito boas pessoas que nós não conhecemos nem apreciámos, mas que emfim, dizem-n'os os parentes e amigos, — foram verdadeiramente muito boas pessoas.

Salvo o respeito pela memoria dos apóstolos, vae-nos parecendo que seria melhor o escolher se outro dia para a romagem aos tumulos.

Os operarios portuguezes precisam de mais vida, — e os alentos de que elles carecem para a obra da sua emancipação não se pódem ir buscar ás campas, nem sollicitar humildemente da benevolencia dos patrões, como se pede modernamente o dia de folga, que assim perde toda a sua significação e valor.

Os mortos foram enterrados, tratemos, pois, dos vivos . . .

Que já não é sem tempo, valha a verdade!

LUIZ DE FIGUEIREDO.

KARL MARX

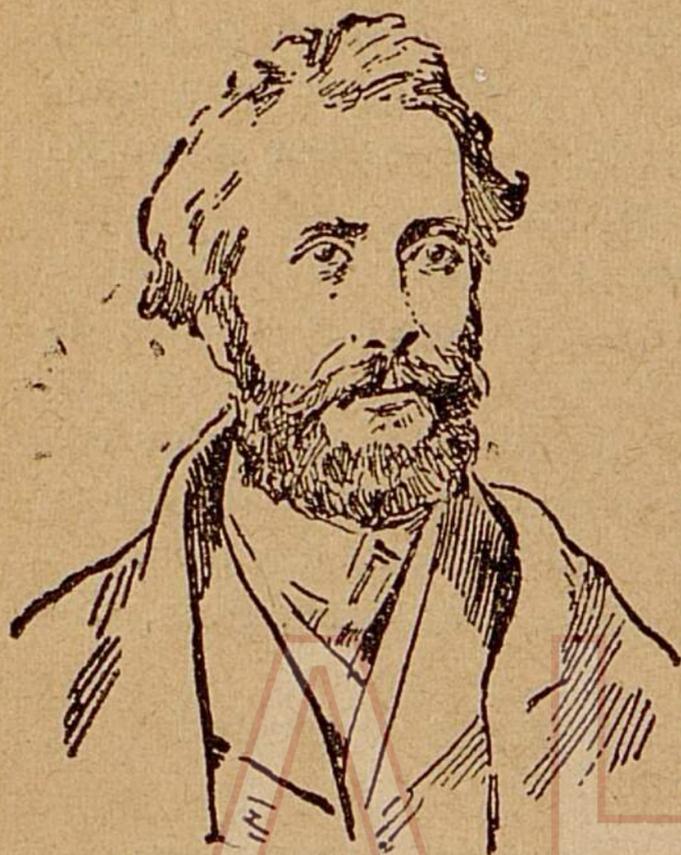
O nome de Marx, o fundador da *Internacional* e o author do *Capital*, anda indissoluvelmente ligado a todo o movimento socialista contemporaneo.

Isto explica a nossa homenagem, pois que, no 1.º de maio, a invocação d'este grande nome é de toda a justiça.

Assim os trabalhadores portuguezes não esqueçam nunca as celebres palavras do Mestre:

— *Proletarios de todos os paizes, uni-vos!*

JOSÉ FONTANA



Nasceu na Suissa, em Cabbio, aos 28 de outubro de 1840. Muito novo ainda viéra para Portugal, seguindo aqui a profissão de encadernador.

Entrado no *Centro Promotor dos melhoramentos das Classes Laboriosas*, revelou-se alli logo um eloquente orador popular, formando na esquerda mais avançada d'aquella notavel associação, d'onde saiu para lançar as ba-

ses do movimento Internacionalista portuguez, incitado por Morago e por outros alliancistas hespanhoes.

Organisou tambem, com Anthero de Quental, Batalha Reis, Augusto Fuschini, e outros, as celebres conferencias do Casino, prohibidas escandalosamente pe'o duque d'Avila, o que dá origem a um violento pamphleto de Anthero (*Carta ao duque d'Avila sobre as conferencias do Casino*), e á revelação do grande artista Bordallo Pinheiro, n'uma folha de caricaturas, muito curiosa.

Foi, principalmente, o fundador da *Fraternidade Operaria*, celebre associação que se tornou o terror da burguezia, chegando a ter, só em Lisboa, 20:000 operarios associados.

Da *Fraternidade* restam hoje ainda, como legitimas successoras, a Associação dos Trabalhadores e a Cooperativa Industria Social, creada em virtude

dá *grève* do Collares, que acabou com os serões nas artes metallurgicas.

Sem reservas: Fontana, como Anthero de Quental, iniciaram no nosso paiz todo o moderno movimento democratico popular.

A sua consagração, pois, é merecida, tanto mais quanto, quer Fontana, quer Anthero, nada receberam, nem pediram ao povo, trabalhando desinteressadamente pela reivindicação dos direitos dos trabalhadores.

Fontana, que soffria de uma doença incuravel, morreu no dia 2 de setembro de 1875.

Mais tarde, pelo mesmo processo e pelos mesmos motivos, havia de acompanhal-o Anthero, o *Santo*, — o grande e immaculado pensador!

AGOSTINHO DA SILVA.

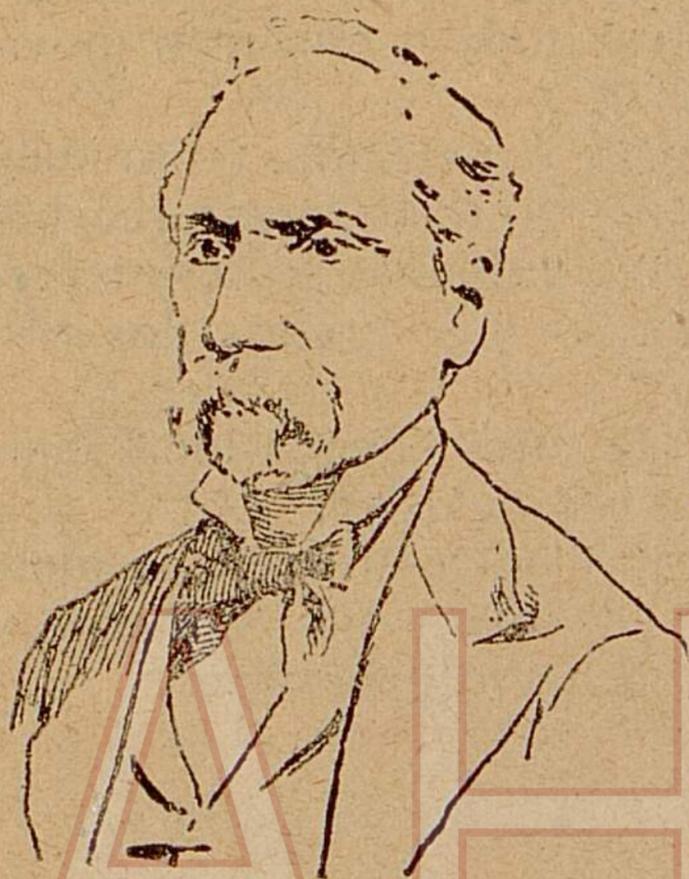
O salariado-servidão

O que ha de verdadeiramente monstruoso na organização da sociedade actual é o facto dos trabalhadores constituirem uma classe. O 1.º de maio é a affirmação de que essa classe existe, isto é, de que existe essa monstruosidade.

Emquanto o trabalho pertencer a uma classe, o trabalho será sempre uma tyrania.

JOÃO CHAGAS.

Souza Brandão



Era um homem honrado ás direitas. Socialista á 1848, vestia pelo figurino de Fourier, e nada o affastava d'alli.

Um pouco teimoso, embora d'essa teima sá-dia que nos imprime a consciencia...

Cooperativista ferrenho, as cooperativas devem-lhe incontestaveis serviços. Mal empregados? Fossem lá dizer-lh'o! Conciliar o capital com o trabalho era o seu supremo desejo e n'essa illusão morreu, — a tempo de não vêr a conciliação que sonhava, afogada em ondas de sangue.

Que não póde ser d'outra fórmula, afinal.

MARIUS.

QUAL SERÁ O TERMO?

O confronto entre a miseria e a opulencia, a descripção das torturas infligidas aos desgraçados que trabalham e dos gozos dos felizes que nada produzem, tornam-se desnecessarios para provar o que já toda gente conhece, que o rico vive do trabalho do pobre, tornando-o a victima permanente da sua

ambição, o martyr constante do seu despotico poder.

Mas, se isto não constitue novidade, torna-se comtudo digno de reparo a fórmula porque se accentua a concentração das riquezas, o que é devido, certamente, ao progresso effectuado nos meios de produzir, de que dispoem a seu modo e em seu proveito os mais habéis membros da classe dirigente.

E' fóra de duvida que o numero dos desherdados augmenta de uma fórmula espantosa todos os dias, e as lagrimas do desespero, os lamentos da dôr, as imprecações do odio avolumam-se consideravelmente, denunciando nos os desejos de revolta que se abrigam em muitos milhares de sêres.

Por outro lado, a classe dominante, ou sejam os possuidores da riqueza, os que desfructam perfeitamente a vida, quer se cubram com o manto de arminhos ou usem barrete phrygio, tomam medidas preventivas, rodeiam-se de bayonetas, accumulam metralha, preparando-se para dizimar as multidões famintas, o que nos prova que comprehendem bem onde as poderá conduzir o caminho aberto pelas suas proprias mãos.

Não é, pois, necessario descer a fundas cogitações para se comprehender qual será o terreno a que nos conduz o despotismo capitalista.

Veja-o quem quizer vêr. O direito á existencia, negado ao maior numero, tem de ser conquistado, ainda que para isso os miseraveis tenham de atravessar um oceano de sangue.

A revolução social impõe-se. Eis aqui o termo.

A felicidade humana deve começar no socialismo.

CONCEIÇÃO PIRES.

DIES FESTUS — DIES TRISTIS

I

Quem vem lá? . . . Quem vem lá n'esta manhã serena,
Aos mundos aventando hossanas de victoria?
Que cortejo de heroes invade a grande scena
N'esse intenso vibrar, que abala a propria Historia? . . .

Ah! sois vós, que abatendo a secular gehêna
De um fremito soberbo, ungis de luz a escoria,
E vindes a enjaular a sanguinaria hyena
Que vos tem devorado a honra, a vida, a gloria! . . .

E o material de guerra? . . . Os quadros triumphaes,
Profanas devoções de effeitos theatraes
São peças da trincheira, ou krups do bastião? . . .

— Nós vimos conquistar em nome das theorias . . . —
Ó cordeiros pascaes, heroes das Utopias,
Não vindes á Conquista . . . ides á Negação! . . .

II

Clarins de rouxinoes saúdam a alvorada
Da festa do Trabalho . . . a Natureza exulta . . .
Ha perolas de sol a facetar a estrada,
. . . Emquanto a sombra tece a rede que as sepulta . . .

— Embora! A burguezia, hysterica e assustada
Treme d'esta legião, que mais a mais avulta! —
. . . Mas legião que amanhã de novo é escravizada,
Cadaver do Direito a quem o Oiro insulta . . .

— São forças em revista. — Inglorio esse processo!
Forças que dão á Industria os fastos do Progresso,
E vão morrer de fome ao pé das maravilhas! . . .

— II —

Vós só sereis a força, a universal potencia,
Feita a demolição, no Tempo e na Consciencia,
Dos absurdos fataes, estupidas Bastilhas. . .

III

Os Alpes, vêde-o bem, são pétreas sentinellas
De flancos de granito, arados pelo abysmo,
E cuja fronte audaz ostenta elmos de estrellas
Qual um diva pagão, solemne em seu heroismo.

Rebentam noite e dia as rúbidas querellas
De raios e tufões, medonho cathecismo
Do culto da Materia. . . E sempre as mesmas télas
Memorando-lhe a Fórma, estavel concretismo.

Mas a Altitude impôz-lhe o grande manto real
Talhado em neve pura, arminho virginal. . .
E a vida lhe arrefece, e a alma lhe proscreve. . .

Que vale o ser titan, se agrilhetado ao futil? . . .
.....
Ó montanha social, tão magestosa e ductil!
Correm ventos de morte... A neve... a neve... a neve...

IV

Vem de além, de Zurich, o Verbo Humanidade
Que o Direito consigna ao tribunal das Eras. . .
Vós. . . que raza trazeis á dextra da Egualdade,
Para acalcar na Ideia o inchaço das chimeras?

Pódes rir, Deus Metal. . . Já vês que tens metade
N'esta nova Alleluia. . . Apaguem-se as crateras
Do velho odio de raça em honra á Liberdade. . .
Tu hoje és bom patrão, Baal de garras feras!
.....

Proletarios ouvi: Maio não é o summulo
Do evangelho da Paz... Maio é tambem o tumulto
Da semana de sangue, a denegrir a França...

Tem muralhas de carne onde fumea a these...
É que é dupla a bandeira, e dupla a catechese:
Vermelha na Justiça... e negra na Vingança!

1 Maio 97.

ANGELINA VIDAL.

SOLIDARIEDADE DEMOCRATICA

A festa do *Primeiro de Maio* é uma prova de que a *Internacional* está hoje mais viva do que nunca. A humanidade confunde-se n'um unico pensamento e n'uma unica aspiração — o pensamento do seu resgate e a aspiração da sua perfectibilidade. Saudemos, pois, a *Internacional*, como alvo e objectivo supremo de todos os que trabalham e de todos os que soffrem. A causa é commum e o Ideal é para todos o mesmo. — Eis o motivo, porque se me affigura que a democracia não póde deixar de ser solidaria com a festa do *Primeiro de Maio* que é ainda mais do que uma manifestação operaria, porque é tambem, e principalmente, uma manifestação cosmopolita e universal.

Lisboa, 1897.

MAGALHÃES LIMA.

A festa dos que trabalham

COMO trabalhador do jornalismo, que teve a honra de fazer as suas primeiras letras na imprensa socialista, ao tempo em que a adesão aos humanitários principios d'essa eschola era ainda razão para os motejos dos dirigentes; e tambem porque tendo provado quanto era, a seu respcito, sincera e incondicional essa adesão no momento de ser chamado á barra de um tribunal, após uns quantos dias de prisão rigorosa ás ordens de um commissario de policia, feroz, que entendeu, ineptamente, dever estreiar-se dando ouvidos á torpe delação de uma folha das sachristias: e porque nem tremeu deante d'elle nem se recusou a reaffirmar as suas crenças perante o honrado e honestissimo juiz que no alludido tribunal o interrogou, mandando depois archivar o processo, — ha uns bons treze annos, — vem hoje o signatario d'estas linhas, comquanto desligado do movimento operario, por causas que não são para aqui explicar, associar-se ás manifestações com que o operariado socialista portuguez solemnisa o dia consagrado ao jubileu internacional dos trabalhadores.

E venho associar-me a essas manifestações com tanto mais entusiasmo quanto é certo que nos treze annos que vão decorridos desde que fui prezo, — a primeira e a unica vez na minha vida, — pelo *crime* de ser socialista, eu não tenho tido senão motivos para radicar mais as minhas crenças d'então, folgando que o amavel convite de um companheiro do jornalismo me proporcionasse o ensejo delançar esta cathgorica affirmação em dia tão solemne como é, para todos os que trabalham, o dia 1.º de maio.

Lisboa.

ALBERTO BESSA.

Historia de todos os dias

*Ao meu querido mestre e amigo Innocencio da Costa
Pinto*

No relógio da fabrica dera meio dia. A sineta annunciára aos operarios que podiam largar as ferramentas e sahir para comer o frugal jantar permittido pelos seus magros salarios.

Dois operarios que foram dos primeiros a sahir para a rua, encaminharam-se para um grande ajuntamento de povo que viram a certa distancia.

O que alli se lhes deparou commoveu-os em extremo.

No limiar da porta de uma escada, estorcia-se em convulsões nervosas, uma mulher coberta de andrajos, magra, palida, ainda nova e já com os indícios da tuberculose.

Ao lado d'ella, jazia uma creança morta. O quadro era desolador!

O ultimo dos dois operarios que poudo romper por entre o povo para chegar até junto da mulher, exclamou:

— Olha quem ella é!... Pobre mulher!...

— Conhecel-a? — retorquiu-lhe o companheiro.

— Conheço, e tu tambem sabes quem é... Pois não te recordas da Carolina, a mulher do João, do nosso companheiro que ficou sem trabalho por ter tomado parte na grêve que se deu o anno passado na fabrica do Marques & C.^a?

— Ah!... agora já me recordo... Mas como ella está mudada!... Ninguem dirá ser a mesma. E elle, que é feito d'elle?

— Pois não sabes ?

— Eu não.

— Coitado... pobre rapaz... Farto de procurar trabalho, pois que ninguem o queria receber por ser tido como agitador e cabeça de motim, emigrou para o Brazil com a esperanza de mandar ir a mulher e a filha, logo que arranjasse dinheiro para isso.

Infelizmente, um mez depois de chegar ao Rio de Janeiro, morreu victima da febre amarella, legando apenas á mulher e á filha um nome de operario honrado e as ruas de Lisboa para pedir e-mola.

Mas como a philantropia dos ricos só se encerra a troco de reclamos nos jornaes, a desgraçada tem passado tanta fome que não sei como ainda é viva. Por habitação tem tido as lages de um pateo onde a deixavam ficar por esmola. A filha adoeceu por falta de alimento e ella levava a todos os dias á consulta da misericordia.

Provavelmente ia agora para lá, mas a caridade official é já desnecessaria visto que a creancinha morreu. Tambem, para os desherdados da sorte, o melhor descanso é a sepultura!

Um burguez que passava :

— Corja ! que até fingem *chiliques* para explorarem a caridade publica. Quando é que os maltrapilhos deixarão de nos incommodar com estes espectaculos ?

O operario que narrára a historia da infeliz :

— ... Quando esses maltrapilhos comprehendem os seus direitos e deveres e ajustarem contas com quem os explora e esmaga.

Lisboa, 1897.

J. R. DE ALBUQUERQUE

HYMNO 1.º DE MAIO

Quem vem lá? Quem os mysterios
rasga da noute e o pavor?
Quem faz caixões aos Imperios,
com taboas de Fome e Dôr?
Que enorme exercito inteiro
se aproxima, e que rumor!
Quem é o torvo carpinteiro?
Quem é o torvo rachador?

Hurrah! hurrah! — respondem mil échos...
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador!

Faz hoje annos que na França,
Oh que luto de rigor!
n'uma luctuosa matança
correu sangue de valor...
Este sangue ao orbe inteiro
bradã Justiça! em clamor
Quem será o Justiceiro?...
Qual o braço vingador?

Hurrah! hurrah! — acenam mil braços...
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador.

Quem vem lá no nevoeiro,
com tão rico resplendor?
Que estranho exercito inteiro?...
diz, com medo, o Imperador.
Quem faz turbar meus saraus?
brada o rico máo senhor:
Quem vem subindo os degraus?
Quem me faz mudar de côr?

Hurrah hurrah! — respondem mil gritos...
Hurrah! hurrah! — o Trabalhador!

GOMES LEAL

FIM

185

AHS

I.C.

P.O. 1155